

## DESCOBRINDO O BRASIL EM PORTUGAL

*Affonso Henrique de Moura Castro*

No princípio do século XVIII, saiu de Lisboa com destino ao Brasil uma nau portuguesa que enfrentou uma violenta tormenta, como referiam-se os livros de história da nossa época. Aportou no Rio de Janeiro sem nenhuma condição de prosseguir viagem. Não sendo possível sua recuperação, a tripulação bem como os seu capitão e imediato se prepararam para voltar a terra mãe nos próximos navios, como passageiros ou marinheiros.

Exatamente nesta época, com o falatório intenso dos descobrimentos de ouro nas províncias de Minas Geraes, o capitão Francisco D'El Rey e seu imediato Antônio Monterroyos decidiram mudar o curso de seus destinos, e viajar rumo a aventura do eldorado mineiro.

Escolheram para suas primeiras explorações, uma região próxima de Ouro Preto, a oeste do Pico de Itabira, marco de referência de todas as incursões de entradas e bandeiras que se aventuraram por estas paragens. Por muitos anos se estabeleceram neste local, e reviraram todos os rios, riachos e morros a procura do metal.

Ainda hoje encontramos minas escavadas em toda a região. Fundaram a pequena Vila de Itaubira, hoje a cidade de Itabirito. A Santa padroeira que foi trazida de Portugal pela nau era N. S. da Boa Viagem, que é a padroeira desta cidade até os dias de hoje, com sua Matriz situada na parte alta e antiga da cidade.

A procura do metal precioso foi intensa e por um período longo, mas infrutífera. Tentativas posteriores mostraram que não havia mesmo ouro economicamente explorável naquela região.

A Segunda investida foi na região de Nova Lima, onde também não tiveram sucesso.

Depois dessa nova tentativa, cada um tomou seu caminho independente do outro.

Antônio Monterroyos foi para Sabará, para uma nova tentativa e Francisco D'El Rey resolveu mudar de ramo e criar gado para fornecer carne aos que buscavam o perseguido metal. O lugar escolhido, uma região que estivesse perto destes dois pólos de produção, entre Sabará e Nova Lima, as margens de um ribeirão que é conhecido hoje pelo nome Ribeirão do Arrudas. Esta fazenda e criação ficaram conhecidas pelo sobrenome de seu dono: o Curral D'El Rey.

Não necessitaria informar que a nossa Capital foi fundada neste local. O resto desta história é por demais conhecida, inclusive que a padroeira da Cidade é a mesma N. S. da Boa Viagem.

Mas, o nosso propósito é contar a saga do outro protagonista dos acontecimentos até aqui narrados.

Monterroyos achou ouro. Ficou riquíssimo, e como um português de boa estirpe, pagou todos os impostos, que eram devidos a coroa portuguesa, todos os quintos exigidos e mesmo assim continuou com muito ouro. O governo português reconheceu a sua lealdade com a Coroa, e o retribuiu com um título de nobreza.

Nobre e rico, resolveu liquidar seus negócios no Brasil, e retornar a "terrinha".

Apesar de abastado e ostentando um título de nobreza, não foi bem recebido pela família na região do Minho, por causa de sua filha mestiça, oriunda de uma relação com uma de suas escravas negras. Assim, resolveu dar as costas aos seus parentes e mudar-se para um local longe da sua terra natal.

Pleiteou e obteve de D. Manoel, o direito de arrematar sesmarias na região de Trancoso, onde logo começou a construir o que seria mais tarde o "Solar dos Brasis".

Monterroyos ordenou-se padre aos 65 anos, e deixou toda sua fortuna para sua filha que morreu sem deixar herdeiros.

O Solar ficou pronto em 1727, e situa-se numa topografia acidentada, para os padrões portugueses, e com solo cheio de pedras grandes e aparentes, numa das regiões mais inóspitas e menos povoadas de Portugal.

O casarão todo de pedra no meio de um vilarejo de meia dúzia de casas se sobressai como uma construção imponente, e composta de três partes: um torreão, uma capela e a casa de moradia, tudo em um único bloco.

A situação da construção é de total abandono. Apesar de ter sido tombada pelo serviço de patrimônio do governo português, nada foi feito para conservá-la. Pelo contrário, o cidadão que zela pelo Solar por mais de quarenta anos, está impedido de tomar qualquer atitude para consertar ou mesmo impedir que o tempo e as intempéries exerçam o seu peso. Há anos que ele vem consertando ou até mesmo só escorando o que está ameaçado de desabar, mas depois do tombamento até isto ele está impedido de fazer. Suas tentativas pessoais e quase heróicas, de preservar este imenso patrimônio, foram denunciadas, e ele ameaçado de prisão. Já vemos alguma semelhança com o nosso país.

Na parte de cima do torreão quadrado está uma sala, com o teto redondo todo esculpido e pintado com várias imagens de santos, papas e outras figuras religiosas. No centro se destaca o brasão de Monterroyos cercado por guirlandas esculpidas e flores pintadas com molduras em relevo revestidas em ouro, tudo ornamentado com anjos e arcanjos. É um primor de trabalho, onde fica evidente a opulência da construção. Parte deste teto caiu, mas as peças estão colocadas no chão prontas para serem restauradas e recolocadas no seu devido lugar. É impressionante como nada foi saqueado ou levado "como souvenir". Talvez seja a única vantagem de ninguém conhecer o local, e conhecer as belezas lá escondidas. Pelo que fiquei sabendo, o último turista a visitar o local foi a minha mãe que esteve lá quatro anos antes, e foi quem descobriu a existência desta pérola de origem brasileira.

O local onde seria a moradia, está praticamente todo destruído por dentro. Os assoalhos já não existem ou não suportam mais o peso de uma pessoa. A escada está totalmente decomposta, e sem uma boa lanterna, o risco de querer garimpar a visão de algum resquício da época, é impossível.

A capela, talvez a parte mais importante do solar, felizmente é a que está em melhor estado de conservação. O interior, é dos mais

primorosos, bem no estilo das do interior de Minas, teto todo pintado, altar principal entalhado em madeira revestido em ouro, com a imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem, e dois altares secundários, em estilo barroco característico da época. Nas laterais, de um lado a pintura do proprietário na sua melhor fatiota de nobre, e do outro já de batina preta despojado de todos os ornamentos pagãos.

A pintura do ex-voto rememorando o milagre do seu salvamento, quando sua nau quase naufragou nas costas brasileiras anos antes, chama novamente a atenção para o início da saga do personagem principal da nossa história. É um quadro dramático da embarcação envolta em ondas, em um mar escuro e sinistro. Altares laterais, púlpito, peanhas e santos tudo feito com os melhores artesãos da época. Portas e janelas entalhadas e pintadas com ouro, não deixam canto algum sem adorno.

Deveríamos pedir ao governo brasileiro ou mesmo ao patrimônio mineiro que intercedesse junto aos órgãos competentes em Portugal para evitar a completa destruição deste monumento em homenagem ao Brasil, e que se venha a perder um marco tão ligado a história de Minas. Embora, quase que inteiramente desconhecido de todos, é uma pena saber que tão valioso pedaço da história, está sendo corroído pelo tempo, próximo de uma ruína total, e que não se tomam nenhuma providência.